

UM CASO INTERESSANTE

“Ao nascer ganhamos um cavalo – o nosso corpo. Só que, com o tempo, se o cavalo adoecer e morre, pensamos que somos nós que morremos”

Um acontecimento digno de nota e que também não poderia, pelo seu valor histórico, ficar de fora destas anotações, é o período de experimentos que o escritor Monteiro Lobato(1) realizou de 21 de dezembro de 1943 a 17 de março de 1945 no Brasil, e em 1946 e 1947 na Argentina, durante o lapso de tempo em que o mestre da literatura infantil ausentou-se do país.

Embora as mensagens conseguidas durante as reuniões realizadas, inclusive em sua casa, não estavam vinculadas aos procedimentos normais e regulares da psicografia, que é a escrita formalizada pelo médium, mas nem por isso deixam de ter a importância e merecer o valor que lhes são conferidos.

O sistema adotado foi o do copo que anda, que se resume em um alfabeto circular ou não disposto sobre a mesa com um copo no centro. O médium estende suas mãos sobre o copo para que as vibrações o envolvam, e, a cada pergunta formulada, estando um espírito presente, a manifestação acontecerá com o copo se movimentando e se posicionando defronte à letra ou número correspondente, com o propósito de formar a frase pretendida para comunicar-se. Neste caso, atuavam como médiuns, a esposa e a cunhada de Lobato.

O escritor, que havia *perdido* seus dois filhos homens, afastou-se do materialismo que sempre o acompanhara após convencer-se de que a vida não cessa.

Nesse tempo, junto com as surpresas que aconteceram durante o espaço de tempo em que se submeteu ao processo acima descrito, Monteiro Lobato recebeu um comunicado que despertou muita curiosidade, no tempo em que se achava em Buenos Aires, resultando num compromisso entre os quatro participantes do encontro, ficando cada um com uma cópia da mensagem, assinada por todos.

Mesmo considerando o sistema de comunicação através de ‘copos’ antigo e em desuso ou levado à conta de mera distração com coisas sem importância, é preciso lembrar da seriedade com que essas e outras reuniões devem acontecer.

Quem dá o ar que identifica o nível moral do encontro é o grupo participante, a exemplo de qualquer outra reunião. Portanto, a frivolidade ou o respeito é fator dependente dos presentes.

Esse material todo, que hoje compõe o livro : *‘Monteiro Lobato e o Espiritismo’*, com direitos de publicação cedidos à Editora Lachâtre Ltda., foi coletado por Maria José Sette Ribas, conhecida por Marjori, que recebia a cada reunião, cópia do que ali se passava. Durante toda sua vida, Marjori auxiliou Monteiro Lobato em suas atividades literárias, sendo a organizadora e revisora de seus textos."

SESSÃO EM 1946 – BUENOS AIRES

“No Hotel Plaza, estavam presentes: Rosalina Coelho Lisboa Larragoiti e Antônio Sanches Larragoiti Jr, seu marido. No copo: Ritinha Seabra, (filha do doutor Alberto Seabra), e, Monteiro Lobato, no lápis.

Quando de sua visita àquele país, Rosalina e seu marido Antônio Sanches, (industrial no Rio de Janeiro), receberam a visita de Monteiro Lobato, que lá no Hotel Plaza os encontrou em companhia de sua amiga comum, Ritinha Seabra, filha do médico homeopata, doutor Alberto Seabra.

Lá pelas tantas, o assunto versou sobre as ‘sessões de copo’, que Lobato realizava com grande interesse e entusiasmo, naquela época.

- Rosalina vai ao Rio salvar um soldado.
- Quem está falando? – perguntou Lobato.
- Luís, corneteiro do batalhão.
- Vai salvar como? Quem é o soldado? Salvar de quê?

Mas o copo imobilizou-se e não deu mais nada. Impressionados, fizeram uma ata registrando esse fato, e cada componente do grupo ficou com uma via, assinada pelos quatro.

Ao voltar ao Rio de Janeiro, Rosalina (poetisa e escritora conhecida) foi fotografada no aeroporto pela imprensa social com o comentário de que estava regressando de sua *tournée* pela América do Sul. E estamparam o seu retrato, em tamanho grande.

Dias após sua chegada, o telefone toca em sua residência e era o comandante da ilha das Cobras, pedindo-lhe mil desculpas por incomodá-la, mas um preso que lá se achava recolhido e respondendo a processo criminal, insistia, intempestivamente, para falar com ela sobre seu caso, afirmando que ela iria salvá-lo. Não a conhecia, mas tinha certeza disso. Vira sua foto em um jornal de seu companheiro de cela e daí lhe viera a convicção inabalável de que deveria recorrer àquela senhora pedindo-lhe o seu auxílio, pois seria atendido. Queria uma entrevista com ela.

Rosalina perguntou ao comandante qual fora o crime cometido pelo soldado e foi informada de assassinato. Dizia ter matado, em defesa própria, um desafeto, mas ninguém vira e todos o acusavam de crime premeditado. Iria pegar, pelo menos, trinta anos de cadeia, dadas as circunstâncias. Não havia testemunha. Estava desesperado.

Rosalina disse ao comandante que no dia seguinte daria sua resposta.

Telefonou a um grande criminalista do Rio de Janeiro e combinou com esse causídico de ele ir à sua residência dois dias depois e assistir ao depoimento do soldado.

Comunicou em seguida o comandante, que já havia providenciado a defesa do réu e que o mandasse, na data aprazada, à sua residência.

Lá compareceu ele, entre dois guardas (cautela inútil, pois que o réu não tinha a menor intenção de fugir, tal era a sua convicção cega em Rosalina).

Depois de prestar o seu depoimento ao advogado, contando como matara o seu desafeto, e depois de tudo combinado para a sua defesa, Rosalina perguntou ao soldado:

– Qual o motivo de, entre tantas criaturas no Rio de Janeiro, escolher, justamente a mim para ajudá-lo?

– Assim que vi seu retrato no jornal fiquei certo de que seria salvo pela senhora.

– Que o fez pensar assim? – indagou ela.

– Não sei. ‘Uma coisa’ me deu essa certeza.

Rosalina, que se lembrava da sessão em Buenos Aires que causara suspense aos componentes do grupo, foi à sua secretária e de lá retirou a ata feita por Lobato, no Hotel Plaza, assinada pelos quatro e perguntou ao preso:

– Diga-me, você tem algum amigo chamado Luís?

– Não, mas tive um grande amigo que daria a vida por mim e eu por ele, mas, infelizmente, hoje ele está morto. Chamava-se Luís. Morreu na guerra na Itália.

– Que fazia ele?

– Era corneteiro do nosso batalhão.

Rosalina, então, deu-lhe a ler a ata, onde estava registrada a mensagem de ‘Luís, corneteiro do batalhão’.

Ao ler isso, o soldado caiu de joelhos, chorando e exclamando:

– Meu pobre amigo, salvou-me duas vezes: da cadeia e da descrença, pois eu já me tornara descrente até de Deus, permitindo que me sucedesse tal injustiça, quando eu apenas defendera-me para não ser morto.

Rosalina tomou o caso para si, ajudou o soldado e ele foi absolvido."

Esses fatos foram-me relatados por Monteiro Lobato.

Quando se realizou a sessão em Buenos Aires, contou-me por carta, e o seu feliz desfecho quando Rosalina lhe escreveu, comunicando-lho.

Lobato gostaria, ele próprio, de ter publicado este livro – o que teria maior brilho –, mas dona Purezinha, com seu grande respeito humano, não o consentiu, e, vendo que ela sofreria com essa publicação, Lobato não o fez.

Disse-me: ‘a única coisa que considero, realmente, imoral no mundo, é fazer alguém sofrer’. E o livro não foi publicado.

Doente, despediu-se de Marjori, a possuidora destas notas, na véspera de sua morte.

Disse-lhe: ‘Minha filha, amanhã, ou depois, se vir no jornal que eu morri, você não vai chorar. Sabe bem que não morreremos, e esta foi apenas uma de minhas passagens sobre a terra. Somos imortais’.

E morreu feliz, sabendo que somos eternos”.

(1) José Bento Monteiro Lobato nasceu no município paulista de Taubaté, na região conhecida como Vale do Paraíba, em 18 de abril de 1882 e desencarnou em 5 de julho de 1948, na capital de São Paulo. Criador de maravilhosas histórias infantis, Monteiro Lobato deixou também obras para o público adulto, como Urupês. Após a morte de seu segundo filho homem, de acordo com seu biógrafo Edgard Cavalheiro, 'faltando-lhe sentimento religioso' – Lobato era materialista – “pouco se preocupava anteriormente com a morte, mas agora que perde o segundo filho, agora que a Parca repete a proeza, a morte é tema constante para seu espírito”. A partir de então, abraçou o Espiritismo, o qual considerava 'a religião de amanhã'.

É sua esta frase: “Ao nascer ganhamos um cavalo – o nosso corpo. Só que, com o tempo, se o cavalo adocece e morre, pensamos que somos nós que morremos”.

